

## NEWSLETTER PRIMAVERA\_2009

“E eles aguardam, dentro dos seus ovinhos, prontos a eclodir... É só esperar pelas condições ideais de humidade e temperatura... E lá vêm eles, os mosquitos, a zumbir, para sugar sangue e, pelo caminho, transmitir doenças a humanos e animais!”

E nós, o que podemos fazer para os evitar e às doenças por eles transmitidas?  
Vale mesmo a pena apostar na prevenção? Não será melhor esperar e, se adoecerem, aí sim tratar?  
E as doenças que eles transmitem, são assim tão más? Quais são? Como se manifestam?

Vamos por partes...

Os mosquitos, além do incómodo da picada, podem transmitir várias doenças por picarem indiscriminadamente os seres vivos. Nos casos dos animais de companhia, podem transmitir duas doenças potencialmente fatais, especialmente em cães: a **Dirofilariose** e a **Leishmaniose**.

A **Dirofilariose**, ou “Doença da Lombriga do Coração”, é provocada por larvas de lombrigas (*Dirofilaria immitis*) que existem no sangue de animais infectados e que são transmitidas a outros animais através da picada de mosquitos. Uma vez na corrente sanguínea, elas vão até ao coração e aí se alojam e desenvolvem. Quando se tornam adultas, reproduzem-se e produzem mais larvas que, por sua vez, se tornarão adultas e produzirão mais larvas.

A certa altura, as lombrigas já são suficientes para causar sinais de insuficiência cardíaca, como tosse, intolerância ao esforço ou mesmo síncope (perdas de consciência devido à falta de oxigénio no cérebro).

O tratamento consiste em eliminar não só as larvas, mas também os vermes adultos, o que, devido à sua localização, se pode facilmente revelar fatal.

Pode ser transmitida a outras espécies, como gatos e mesmo o ser humano (**zoonose**), mas raramente provoca sintomas.

No caso da **Leishmaniose**, o mosquito não se limita a transmitir o parasita que provoca a doença. Para se tornar infectante, este último precisa de se transformar no interior de um tipo particular de mosquito (*Phlebotomus perniciosus*), o que torna esta doença específica de certas regiões onde este existe: húmidas, quentes e com pouco vento.

Claro que, devido à facilidade de deslocação hoje em dia, essa distribuição localizada já não se aplica e animais em qualquer local do país podem ser contaminados. Contudo, como **Coimbra** se situa à beira-rio, além do risco de contágio aumentar exponencialmente, esta é já também uma zona endémica (onde a doença existe em grande escala) há anos.

Este parasita multiplica-se em vários órgãos do corpo, especialmente na pele e nos rins, pelo que, entre os muitos sinais da doença, podemos encontrar: feridas que não cicatrizam facilmente; pêlo seco e quebradiço; “cara de velho”; perda de peso inexplicável; aumento da quantidade de água bebida e urina produzida (polidipsia e poliúria); etc..

O tratamento é difícil, podendo ser letal no caso de existirem problemas renais e, o que complica mais a situação, não é curativo, ou seja, o parasita **NUNCA** é completamente eliminado! Apenas conseguimos eliminar a maior parte dos parasitas e controlar o seu crescimento, mas existe sempre a possibilidade de recaídas.

Além disso, é uma doença que pode ser transmitida ao ser humano (**zoonose**), especialmente a crianças, idosos e pessoas com problemas imunitários, o que a torna um grave risco de saúde pública.

Com isto se conclui que:

- **SIM**, as doenças que os mosquitos transmitem são “assim tão más”, sendo um risco de **Saúde Pública**
- e **SIM**, vale a pena apostar na **prevenção**, pois o próprio tratamento acarreta riscos para a saúde do animal (além dos custos)!

E o que podemos nós fazer para **evitar os mosquitos e as doenças por eles transmitidas**?

- usar **repelentes e insecticidas** (sprays, pipetas ou coleiras) periodicamente, além de barreiras físicas (redes mosquiteiras e canis fechados) de modo a reduzir a quantidade de mosquitos que entra em contacto com os nossos animais de estimação
- **evitar passear os cães ao amanhecer e ao entardecer**, pois nessas alturas do dia a população de mosquitos está mais activa
- no caso específico da Dirofilariose, existem **comprimidos** que podem ser administrados mensalmente aos cães. Contudo, o seu uso só deve ser (re)iniciado quando se confirme que o animal não está infectado, uma vez que são eficazes apenas na eliminação das larvas circulantes no sangue do animal e não das adultas, as verdadeiras causadoras da doença.

Assim, esta é a altura ideal para iniciar essa **prevenção** (se não a iniciou ainda!), lembrando que os nossos animais devem ser também protegidos de outros **ectoparasitas** (pulgas, carraças e moscas) e **endoparasitas** (nemátodes ou lombrigas, e céstodes ou ténias).

A equipa da CVO – Clínica Veterinária dos Olivais

Se necessitar de qualquer esclarecimento, não hesite em contactar-nos por telefone (239 085 905) ou e-mail (cvo@cvo.pt).

Caso não deseje receber mais as nossas newsletters, por favor envie-nos um e-mail apenas com “remover da newsletter” no assunto. Obrigada.